



AMAZÔNIA (S) QUE (RE) CONHEÇO: ENCONTRO PEDAGÓGICO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA FREIREANA EM ESCOLA PÚBLICA DE BELÉM¹

Hanna Tamires Gomes Corrêa Leão Teixeira;

Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia

Universidade do Estado do Pará

Fabíolo Barroso Cabral;

Graduanda em Licenciatura em Filosofia

Universidade do Estado do Pará

Orientadora: Ivanilde Apoluceno de Oliveira

Doutora em Educação/PUC-SP

Programa de Pós Graduação em Educação - Universidade do Estado do Pará

Resumo

Objetivo deste artigo é refletir sobre diversidade ambiental e sociocultural amazônica por meio de relato de uma atividade pedagógica realizada em turma do quinto ano do ensino fundamental de uma escola pública, localizada no município de Belém. Tal atividade pedagógica foi realizada pelo Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Freireana e Filosofia (GETEFF/UEPA), que é vinculado ao Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA), com a participação de educadores brasileiros e colombianos. A metodologia utilizada foi o diálogo, possibilitando a escuta do outro. Os resultados se referem à compreensão da pluralidade amazônica, a partir dos imaginários dos educandos e educadores. O encontro viabilizou no campo do ensino da filosofia com crianças, a instigar a curiosidade de conhecer o outro, o diferente culturalmente, no caso os colombianos, promovendo o ato de perguntar e dialogar, buscando refletir sobre o que é Amazônia e o que significa viver na Amazônia.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo geral refletir acerca da diversidade sociocultural amazônica. Em vista disso, será relatado um encontro pedagógico desenvolvido com uma turma do quinto ano do ensino fundamental de uma escola pública, localizada no município de Belém. Tal atividade pedagógica foi realizada pelo Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Freireana e Filosofia (GETEFF/UEPA), o qual é vinculado ao Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP) da Universidade do Estado do Pará. O grupo atua nesta escola desde 2014, com turmas de terceiro ao

¹ Resultado de projeto de Ensino e Extensão vinculado ao Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA)



quinto ano, realizando atividades de educação filosófica, norteadas pelos princípios educacionais de Paulo Freire. O encontro pedagógico que originou este trabalho, consistiu em um intercâmbio de saberes, incluindo educadores brasileiros e colombianos tendo como temática a Pan Amazônia. A metodologia utilizada foi o diálogo, possibilitando a escuta do outro. O encontro, portanto, foi permeado por cheiros, sabores, lendas e cores constitutivos da sinestesia amazônica, visto que refletir sobre esta pluralidade, em torno das lendas, fauna, flora e singularidades dos povos que compõem a diversidade amazônica, assume papel substancial para o (re) conhecimento da região e frente à imagens historicamente construídas sobre ela, ao invés de partir dela. (GONÇALVES, 2015). Assim, este estudo aborda as Amazônia (s) que foram sendo (re) conhecidas a partir do diálogo entre educadores e educandos no encontro pedagógico, visando provocar a problematização acerca do que conhecemos por Amazônia em termos ambientais, sociais e culturais.

Tecendo o encontro na tessitura da Amazônia:

Esta atividade de extensão e ensino ocorre em uma escola pública de Belém, localizada no bairro da pedreira. Este artigo se constitui em resultado parcial desta atividade, visto que ela está a ocorrer desde o ano de 2014 na atual escola. O encontro pedagógico teve como objetivo: refletir sobre a pluralidade ambiental e cultural amazônica, a partir dos imaginários dos educandos e educadores, tendo como tema gerador a Amazônia. Realizou-se por meio de um círculo dialógico cultural, a partir de palavras conhecidas pelas crianças referentes à Amazônia. Cada criança citou uma ou mais palavras, em sua maioria referentes à animais, plantas, árvores, frutas, mitos e lendas. Após a fala de cada educando, o educador colombiano explanava sobre a palavra, a discorrer se na Colômbia a palavra era a mesma, ou como se pronuncia em espanhol. Os materiais utilizados foram permanentes e de consumo, tais como lousa, cadeiras e desenhos.

Do Pará à Colômbia: nós, amazônicas

Refletir acerca da diversidade amazônica implica em reconhecer como múltiplas amazônicas. Enquanto a Amazônia é um todo, marcada por muitas semelhanças culturais, físicas, políticas e geográficas, é de forma dialética diversa e diferente em si mesma. De acordo com Gonçalves

[...] é possível vermos que há diferentes amazônicas. Há um debate e um embate, simbólico-material, que reconstrói o significado de Amazônia. Não há uma Amazônia, mas várias. Não há, conseqüentemente, uma visão verdadeira do que seja a Amazônia. A verdade do colonizador não é a mesma que a do colonizado; a verdade do minerador, do fazendeiro-pecuarista ou do madeireiro não é a mesma dos índios, dos caboclos ribeirinhos e/ou extrativistas ou dos produtores familiares; a verdade dos militares ou das grandes empresas estatais, nacionais e internacionais não é a mesma necessariamente dos garimpeiros,



seringueiros, castanheiros, açazeiros, balateiros, retireiros ou dos trabalhadores rurais agroextrativistas (2015, p. 16)

Cabe abordar e vivenciar a Amazônia de forma intercultural, ou seja, dialógica, a reconhecer a diferença como construções históricas, a qual não deve ser naturalizada e o direito de ser diferente, lutando contra toda forma de discriminação ou hierarquização de culturas e indivíduos. Deste modo, no encontro pedagógico buscou-se e alcançou-se a relação de saberes sobre a Amazônia e seus sujeitos

Buscando favorecer as trocas entre os sujeitos das diferentes culturas que se cruzam nos espaços escolares, ao mesmo tempo em que recusa os processos de categorização que negam a complexidade e a provisoriade dessas identidades culturais, hierarquizando-as e/ou folclorizando-as (CANDAU, LEITE, 2008, p. 13).

Na atividade foi destacada a existência de muitas lendas sobre a Amazônia. Os educadores colombianos relataram duas lendas referentes ao surgimento do Rio Amazonas. Enquanto falavam as crianças logo associaram às lendas que conheciam sobre o mesmo tema, e se questionaram por encontrarem muitas semelhanças às contadas pelos colombianos. Ao término das duas lendas o seguinte diálogo possibilitou às crianças destacarem as semelhanças, formularem dúvidas e chegarem às próprias conclusões:

- Educadora brasileira A: por que aqui no Pará temos uma lenda sobre o surgimento do Rio Amazonas e lá na Colômbia também tem e é parecida com a nossa?
- Educando A: por causa da lua e do sol
- Educanda B: porque a lua da nossa história chorou e a dele também.
- Educando C: Que estranho!!!
- Educanda D :porque é o mesmo rio, a mesma história, mas em outro idioma.
- Educador colombiano B: exatamente, é a mesma lenda, os povos amazônicos são parecidos, eles não têm fronteiras, só as tradições são diferentes. Os povos indígenas não são brasileiros ou colombianos... São povos da Amazônia, cheios de semelhanças e diferenças.
- Educando: É de outra parte da Amazônia, mas é a mesma!

Por conseguinte, por meio da fala dos educandos é possível notar a construção de um pensamento sobre a realidade amazônica, sem esquecer as especificidades, fazer hierarquizações sobre os povos ou culturas. Isto é, não foi necessário apresentar somente um mapa geográfico e os fazer decorar os nomes dos países que possuem a Amazônia em seu território, apresentar o conhecimento já elaborado pelos cientistas e pesquisadores. Os alunos, a partir de seus conhecimentos e dialogando com os outros formularam seus novos conhecimentos, a partir do singular ao universal, pois todo conhecimento se relaciona entre si. Conforme Casali, 2001

Os saberes cientificamente credenciados (universais), que circulam no interior da comunidade científica, são vinculados, por origem e por destino, aos saberes culturais (parciais) que circulam no interior dos diversos grupos sociais, incluída a escola, e vinculados igualmente aos saberes produzidos e apropriados pelos indivíduos (singulares). (p. 109-10)



Além deste diálogo, outros fatores também delinearão este caminhar dentre a diversidade amazônica, como o fato dos educandos perceberem que os educadores colombianos conheciam alguns elementos presentes na cultura paraense, entretanto com outros nomes, quantidades e utilidades, tais como o látex (caucho) e a mandioca (yuca), partindo assim, de pontos específicos à compreensões gerais.

Da Colômbia ao Pará: da minha Matinta vou te contar

No diálogo entre os educandos e educadores, destacou-se a contação de lendas. Após os Educadores colombianos contarem a lenda do nascimento do rio Amazonas, uma das educadoras do grupo, perguntou aos educandos se gostariam de contar uma lenda amazônica paraense:

-Educandos (juntos): “Do curupira! da Matinta! Da Matinta Perêra!”

-Educandos: Da Matinta!!!

-Educadora- B: “Isso! ela que sai na escuridão na noite, assobiando. Diz a lenda que devemos dizer: aparece amanhã lá em casa pra tomar café! E a primeira pessoa que aparecer, é a Matinta.”

-A turma se olhou, rindo, e alguns disseram não conhecer essa parte da lenda. Então um dos educandos afirmou:

-“a Matinta se transforma!” Ela tinha um marido, só que o marido dela não gostava que ela fumasse muito tabaco, por isso o marido se separou dela.” (Educando- A)

-Educadora- C: na lenda que eu ouvi era uma Índia, e a tribo dela foi atacada por causa do desmatamento. Ela decidiu se transformar em Matinta pra defender a floresta, para não acontecer o mesmo com outras tribos. Ela se transforma em animal e protege a floresta”

-Educanda –D afirma: “na minha dizem que era uma menina, e a bruxa jogou um feitiço nela, assim ela virou Matinta Perêra.”

-Educadora A: “dizem que ser Matinta Pereira é a pessoa que pode se transformar em animal, um pássaro; um porco.”

-Educando E: Eu tenho medo e não gosto dessas pessoas.

-Educadora B: É, mas temos que ter cuidado com isso, porque a gente acaba tratando essas pessoas que achamos que é Matinta, ou lobisomem, de forma diferente, com preconceito.

-Educando F – “O mesmo aconteceu com o Naruto, ele teve um poder grande e as pessoas não gostaram mais dele.”

-Educanda G – “eu já parei de falar com minha amiga, porque achei que ela era Matinta Pereira.”

A partir das falas dos educandos e educadores, foi possível perceber a diversidade amazônica também expressa por meio da oralidade, sendo este momento do encontro pedagógico também marcado pelo aprendizado mútuo, em que por meio do diálogo compartilharam experiências, aprendendo uns com os outros, sendo fundamental visto que “não há prática pedagógica que não parta do concreto cultural e histórico do grupo com quem se trabalha” (FREIRE, 2004, p. 57).

Outro ponto analisado a partir deste diálogo consiste na questão do preconceito, em que por meio da lenda da Matinta, os educandos relataram haver situações de afastamento, por não aceitar o outro, enxergando-o de forma negativa. Nesse sentido, o encontro teve sua relevância devido, além da reflexão acerca do contexto amazônico diverso, a partir deste problematizar situações como de negação do outro, visto que:

a partir do olhar de Dussel, não apenas reconhecer a existência de vítimas ou oprimidos ou de abstrair conceitos e valores que reforçam a solidariedade, a justiça social, os direitos humanos, mas há necessidade de se problematizar as causas da exclusão a partir do



reconhecimento do outro não só como excluído, mas também como sujeito, assumindo-se um compromisso ético com o outro, denunciando a exclusão e apontando-se perspectivas de mudança (OLIVEIRA, 2016, p. 92)

Vê-se, a importância dos mitos e lendas amazônicas, dada a forte relação destes com a natural e social amazônica e “apresentam, também, uma dimensão de religiosidade ao se situarem no plano do mistério, do sagrado e do sobrenatural, envolvendo inclusive ações de cura e de proteção. (OLIVEIRA; MOTTA NETO, 2015)”

Considerações Finais

O presente trabalho traz o intercâmbio de saberes, propiciado por um encontro pedagógico com uma turma do quinto ano do ensino fundamental. Por meio do círculo dialógico, educandos e educadores ensinaram e se deixaram ensinar, aprendendo aspectos da dinâmica sociocultural amazônica, e problematizando questões advindas deste diálogo, como por exemplo o preconceito. Assim, este estudo, abordou a riqueza de experiências partilhadas entre os educadores, paraenses e colombianos, e educandos, no que tange à imensidão amazônica. Foi possível perceber as semelhanças e singularidades dos mitos e lendas amazônicas, contados na Amazônia paraense e na colombiana, ressaltando-se a(s) Amazônia (s) que perpassam por muitos países, sendo que do Pará (próximo) à Colômbia (distante) somos todos amazônidas. O encontro viabilizou no campo do ensino da filosofia com crianças, a instigar a curiosidade de conhecer o outro, o diferente culturalmente, no caso os colombianos, promovendo o ato de perguntar e dialogar, buscando refletir sobre o que é Amazônia e o que significa viver na Amazônia. Portanto, por meio do encontro pedagógico relatado, e em discussão com os referenciais teóricos aqui apresentados, convidou-se para a reflexão acerca das Amazônia(s) que (re) conhecemos, entendendo este plural além da questão fronteiriça, pois o território paraense, por exemplo, pulsa significativa diversidade sociocultural.

Referências

- CANDAU, Vera; LEITE, Miriam. Diálogos entre diferença e educação. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- CASALI, Alípio. Saberes e procederes escolares: o singular, o parcial, o universal. In: SEVERINO, A; FAZENDA, I. **Conhecimento, pesquisa e educação**. Campinas: papirus, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. Organização de Ana Maria Araújo freire. São Paulo: UNESP, 2004.



GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares da. Saberes Culturais em Práticas de Educação Popular na Amazônia Paraense: contribuições para uma epistemologia do Sul. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos (Org.), Belém: NEP-CCSE-UEPA, 2015.

_____. Epistemologia da Educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.